

Mário de Alencar edita Machado: o caso de “O Almada”

Flávia Barretto Corrêa Catita

Resumo

Mário de Alencar foi um dos maiores responsáveis pela organização e edição das primeiras obras de Machado de Assis após a morte do autor. Nesta comunicação, quero tratar, inicialmente, de como era a relação entre os dois escritores, analisando a correspondência deles e o ensaio “Machado de Assis, páginas de saudade”, escrito por Mário e publicado no livro *Alguns escritos*, de 1910. É de meu interesse também estudar como se deu a organização do espólio machadiano, em especial, do poema herói-cômico “O Almada”. Mostrarei alguns documentos que ilustram como se deu esse processo e o esforço investido, principalmente da parte de Mário, para que os inéditos e esparsos nos jornais fossem publicados. O poema “O Almada” nunca foi publicado integralmente durante a vida de Machado; alguns trechos saíram na *Revista brasileira*, em 1879; outro trecho na revista *A estação*, em 1885; e depois no livro *Poesias completas*, de 1901. É bom lembrar que nenhum desses trechos levava o título “O Almada” que foi dado apenas em publicação póstuma, no livro *Outras relíquias*, de 1910. É de meu interesse mostrar como o manuscrito (pertencente à Academia Brasileira de Letras) foi editado por Mário de Alencar para essa publicação em livro. Procurarei também analisar o texto de Advertência de *Outras relíquias* e as relações de construção de imagem, autoria e consagração que daí se podem deprender, além da complexa relação entre Machado e José de Alencar que, coincidentemente (ou não), também escreveu sobre o mesmo assunto tratado no poema machadiano, em 1873, utilizando, inclusive, as mesmas referências históricas.

Palavras-chave

Machado de Assis; Mário de Alencar; edição

1 Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq. E-mail: flavia.correa@usp.br.

No livro *Alguns escritos*, publicado em 1910, Mário de Alencar dedica várias páginas a Machado de Assis; escreve dois artigos sobre *Memorial de Aires* e *Esau e Jacó* e revela uma faceta íntima do seu relacionamento com o amigo no texto “Machado de Assis, páginas de saudade”. Em uma espécie de relato memorialístico, descortinam-se os últimos dias da agonia de Machado e o que sucedeu após a morte do escritor. Mário começa a escrever no dia 28/09/1908: “Venho da casa de Machado de Assis. Lá estive todo o dia de sábado, ontem e hoje, e agora estou sem ânimo de continuar a ver-lhe o sofrimento; tenho receio de assistir ao fim que eu desejo não tarde” (ALENCAR, 1995:29). Em seguida, ele discorre sobre o receio que Machado tinha de sofrer uma moléstia grave que lhe tolhesse a dignidade e o fizesse sofrer por muito tempo, o que acabou acontecendo de qualquer maneira. Mário, então, tece alguns dos mais sinceros e comovidos elogios ao escritor:

Era essencialmente bom e puro, de uma delicadeza e sensibilidade que não podia, por mais que o quisesse, acomodar-se à rudeza das cousas e dos homens / Capaz de ser terno, com abundância de coração, Machado de Assis escondeu no escritor a ternura do homem, e na intimidade do afeto reservava a manifestação do seu sentimento à eloquência do gesto sóbrio/ Era por instinto e por estudo um elegante na alma e na inteligência (ALENCAR, 1995:30).

Ao final do registro desse dia, Mário profetiza o que seria da obra machadiana: “Com o decorrer do tempo, agora que vai acabar a presença corpórea do escritor, crescerá a admiração da sua obra e ficará para sempre” (ALENCAR, 1995:29).

A próxima entrada no diário acontece cerca de um mês depois, em 30/10/1908, após a morte de Machado. Nela, vemos a tentativa de Mário em reelaborar o que sentiu com a partida do Mestre:

Tive um grande abalo no coração, e o aspecto daquele querido corpo sem alma entrou-me pelos olhos como a sensação de uma ruína inesperada/ Até hoje não senti ainda nitidamente a morte de Machado de Assis. Junto ao seu cadáver, pousado na sala da Academia, durante alguns momentos em que fiquei sozinho velando-o, eu a cada instante me voltava como a fixar-lhe o vulto vivo que viesse ao meu encontro (ALENCAR, 1995:31-2).

É o próprio Mário quem nos conta, ainda nesse texto, como foi o primeiro encontro com o grande escritor quando ele era ainda menino (e Machado já consagrado) e discorre sobre como Machado sempre o incentivara a perseverar na seara literária. Após a morte de Carolina, os dois escritores se aproximam mais e trocam confidências, palavras amigas, desabafos e até receitas médicas para as moléstias que os acometia.

Apesar da considerável diferença de idade; Mário nasceu em 1872, quando Machado já contava 33 anos, a leitura da correspondência entre os dois nos dá a impressão de que ambos tinham a mesma idade. As queixas sobre as doenças remetem a um diálogo de dois velhos amigos enfermos no leito.

Além da amizade e da troca de confidências, Mário estava ao lado do amigo nas situações mais cotidianas, dando-lhe apoio físico e emocional, conforme podemos ver no depoimento de João Luso:

Mais do que o seu grande amigo e companheiro fidelíssimo, o mestre prosador de *Esau e Jacó* e do *Memorial de Aires* receava cair na rua, morrer de repente, ao desamparo ou entre gente mais curiosa que comovida. Era então o Mário de Alencar que o levava, todas as tardes, ao Garnier, e lhe dava o braço, quando havia transeuntes demais pelos passeios e o perigo de pisadelas e encontrões (João Luso, *Apud* MONTELLA, 1961:114).

A última carta trocada entre Machado e Magalhães de Azeredo reforça a companhia que o amigo Mário fazia a Machado:

O post-sriptum fala-me da carta que recebera do Mário; ele é ainda o mesmo seu amigo, e meu também. É um dos que me tem valido nestes dias de solidão e de velhice.

Quando estive doente, – e ainda agora o estou, posto que menos, – ele foi um dos que me acompanharam com carinhos de amigo certo. Aqui me vinha ver a este recanto do Cosme Velho, onde passei tantos anos felizes e onde recebi o grande golpe (ASSIS, 1969: 288).

Essa relação tão íntima e respeitosa entre os dois escritores rendeu ainda outros frutos. Conforme pretendemos demonstrar nessa comunicação, Mário de Alencar foi responsável por organizar grande parte das primeiras edições póstumas de Machado, além de ter investido um grande esforço no recenseamento do espólio machadiano e publicação dos inéditos do escritor. Flávia Amparo afirma:

Muitos dos escritos inéditos de Machado, assim como a obra da juventude do romancista e sua correspondência ativa, foram reeditados e publicados através do trabalho de Mário de Alencar, na sua incansável tarefa de manter viva a memória de um dos nossos maiores escritores. (AMPARO, 2011:20)

Pesquisando nos jornais, pude encontrar uma notícia relevante, publicada na *Gazeta de notícias*, em 19/01/1910, onde ficamos sabendo que a obra de Machado publicada nos jornais e mais alguns textos inéditos seriam publicados pelo editor Garnier e Mário de Alencar seria o responsável por essa tarefa de organizar os textos. Segue a descrição completa do trecho:

A obra de Machado de Assis não terminou naquele volume que tão melancolicamente ele dizia ser o último.

Como os editores de Eça, o Sr. Garnier achou um dever coligir e publicar a obra esparsa pelos jornais e principalmente muitas páginas inéditas.

Para essa obra era preciso o que os editores de Eça encontraram: um homem de letras, amigo íntimo do escritor, que tivesse por Machado, além da morte, a mesma amizade, o mesmo respeito, a mesma carinhosa veneração. E felizmente, a Casa Garnier incumbiu desse trabalho enorme o Sr. Mário de Alencar, o [f]ino homem de letras tão ligado a Machado. De modo que teremos a crescer à obra de Machado de Assis, mais seis volumes a aparecerem sucessivamente.

Para além da comparação com Eça de Queirós, essa notícia nos interessa também pela descrição elogiosa de Mário, nomeado o responsável pela organização dos textos esparsos pelos trabalhos inéditos. Vemos também como a construção da consagração machadiana foi tomando forma pela republicação de sua obra.

Além desse documento, várias cartas trocadas entre Mário e José Veríssimo², logo após a morte de Machado, ilustram como foi o processo de transferência do espólio machadiano para a Academia e como Mário trabalhou na organização desses papéis.

Na carta de 05/12/1908, Mário escreve a Veríssimo e comunica-lhe os seus planos:

Outra coisa. Peza-me deixar na Academia os manuscritos de Machado

² Agradeço à pesquisadora Luciana Antonini Schoeps por ter disponibilizado as cartas digitalizadas na sua tese de Doutorado. As transcrições das cartas foram retiradas da tese dela.

no estado em que foram da caza do Major. Acresce que como 2º secretário, encarregado do Arquivo da Academia, tenho a responsabilidade da conservação daquelles papeis preciosos. Desejava por isso leval-os comigo para a Tijuca afim de os pôr em ordem e catalogal-os. Consulta-o a esse respeito. Lá em socego, eu farei esse trabalho em poucos dias, ao passo que na Academia não o faria senão em mezes, com o risco de perder muita coisa que possa ser tirada sem que o saibamos. (*Apud* SCHOEPS, 2016:62)

Mais tarde, em 19/12/1908, Mário escreve novamente a Veríssimo fazendo uma descrição minuciosa de todos os papéis organizados por ele até o momento. Entre esses papéis consta o manuscrito de “O Almada”, sobre o qual Mário faz a observação de que talvez estaria incompleto.

Como podemos ver, esses documentos nos ajudam a confirmar a nossa hipótese do quanto Mário de Alencar se empenhou para organizar os papéis do falecido amigo. Também somos informados sobre o processo de transmissão do manuscrito “O Almada”.

O prefácio de *Outras relíquias*, onde o poema foi publicado na sua forma mais completa, não traz identificação de autoria; no texto, apenas há referência aos “editores” do livro. No entanto, várias pistas nos levam a assumir que o organizador do volume foi mesmo Mário de Alencar. A começar pela notícia publicada já referida anteriormente e pelas cartas entre Veríssimo e Mário. Nessa advertência, somos esclarecidos que o manuscrito pertencente à ABL foi usado para a composição da obra.

Contudo, não podemos deixar de ignorar uma questão: o prefácio de *Outras relíquias* traz a data de “novembro de 1908”, embora o livro só tenha saído em 1910. Nesse prefácio, o editor agradece à ABL pela consulta ao manuscrito que possibilitou a fixação do texto. Podemos crer que, embora improvável, mas não impossível, Mário tenha sido muito ágil em organizar esse material, mas a hipótese mais plausível talvez seja de que houve um erro tipográfico na datação do prefácio.

Uma outra questão que pretendo abordar na minha comunicação é a relação entre Machado e José de Alencar, aludida pelo próprio Mário no prefácio de *Outras relíquias*. José de Alencar publicou, em 1873, *O garatuja*, um crônica que tratava do mesmo assunto de “O Almada”. Mário atribui a isso o motivo de Machado não ter publicado o

seu poema integralmente em vida; seria repetir em verso o que Alencar já havia dito em prosa. Outro crítico, João Cézar Rocha, tem uma opinião diferente sobre a comparação entre *O garatuja* e “O Almada”. Para ele, na verdade, Machado corrige Alencar ao compor o poema utilizando o gênero herói-cômico, que seria mais adequado à situação satírica do que uma crônica histórica dos tempos coloniais.

Como se pode perceber, há algumas relações muito interessantes a serem feitas sobre o processo de composição dessa obra, bem como sua recepção e contribuição para a consagração machadiana.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Mário de. *Alguns escritos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

AMPARO, Flávia. *Mário de Alencar: cadeira 21, ocupante 2*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2011.

ASSIS, Machado. *Outras Relíquias* (prosa e verso). Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

_____. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. Preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

MONTELLO, Josué. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, 2ed.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SCHOEPS, Luciana Antonini. *As vozes sem boca no manuscrito do cenógrafo Machado de Assis: Esaú e Jacob*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. 606 f.